

“O herói: Índice para desvendar o sistema social na narrativa”

Lívia de Araújo Leitão*
Sarah Diva da Silva Ipiranga**

Resumo: A humanidade sempre teve a necessidade de reconstruir, no âmbito ficcional, estruturas correspondentes às da realidade e, para tanto, fez uso das personagens e das relações entre elas estabelecidas. A partir dessa perspectiva, este trabalho se propõe, tomando os heróis Hércules, Peri e Brás Cubas, inseridos em diferentes contextos socioculturais e políticos, a traçar uma comparação levando em consideração os diferentes contextos de inserção de cada personagem e, por fim, analisar o que é recorrente e permanece ao longo do tempo dentro da estrutura ficcional. Tomamos a figura do herói, personagem de relevo na obra, por acreditarmos que este elemento da narrativa traz, em sua composição, um modelo onde confluem e são representadas (mesmo que indiretamente) todas as forças atuantes da estrutura social em voga, em determinado tempo e espaço. Para tal análise, utilizaremos como amparo teórico o conceito de herói como “dominante”, de Flávio Kothe e, ainda, as análises críticas, “Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar,” de Alfredo Bosi e *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, de Roberto Schwarz, sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Palavras-chave: Herói. Ideologia. Sociedade.

O mito, em todas as sociedades, surge da necessidade que o homem tem de representar e buscar explicações para o mundo a sua volta, sua existência e, conseqüentemente, suas origens e, assim, atenuar um pouco as dúvidas que, em todas as épocas, são recorrentes na mente humana quanto a nossa existência.

E o que se tem na atualidade sob o nome de literatura não teria também essa função? Partimos do pressuposto que sim e abraçamos a perspectiva contrária à visão idealista de literatura, segundo a qual a obra literária é encarada como objeto autônomo em si. Literatura passa a ser vista dentro de um contexto mais amplo que envolve o universo exterior ao texto, que o influencia e que, também, pode ser influenciado por ele. Desta forma, percebemos que é constante esse movimento da humanidade, em criar, no âmbito ficcional, estruturas correspondentes às da realidade.

É por meio das personagens e das relações entre elas estabelecidas que as estruturas reais são recriadas no mundo ficcional. Com base nisso, tomamos a personagem de maior relevo na obra, o herói, e o encaramos como elemento arquetípico dentro das narrativas; elemento que traz, em sua

* Aluna de graduação do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará.

E-mail: livia-leitao@hotmail.com

**Professora Adjunta de Literatura Comparada da Universidade Estadual do Ceará e Doutora em Educação Brasileira (UFC). E-mail: sarahpiranga@yahoo.com.br

composição, um modelo onde confluem todas as forças atuantes da estrutura social em voga, em determinado tempo e espaço.

Sob esse prisma, apresentamos esta análise, cuja idéia primeira é traçar uma comparação entre as relações sociais de dominação construídas por meio da figura do herói, em três diferentes narrativas, considerando, para isso, os diferentes contextos sociocultural e político em que foram elaboradas; e por fim, analisar o que é recorrente e permanece ao longo do tempo dentro da estrutura ficcional.

As personagens colocadas em análise são três: Hércules, Peri e Brás Cubas, as quais, apropriando-nos do termo de Flávio Kothe, funcionam como “dominantes”, ou seja, como princípio de organização do sistema ficcional a que pertencem e que, ressaltamos, não aparecem desligadas do contexto extra-texto: cada uma reflete o sentimento da época, do momento a que estão vinculadas (respectivamente, períodos Clássico, Romântico e Realista).

É importante, ainda, esclarecer que o mito de Hércules, enquanto narrativa que alcançou a forma escrita, passa a ser entendido, também, como literatura – produção literária da Antiguidade Clássica. Fazemos isso com o intuito de uniformizar, em conceito, os objetos de análise.

O papel do herói nas narrativas

Antes de posicionarmos funcionalmente o herói dentro das narrativas, tão mais importante é o levantamento da função desempenhada pela própria narrativa na qual ele aparecerá.

Devido à grande discussão que existe em torno deste assunto, não se pode exatamente dizer que a literatura tem uma função específica, mas o fato é que por muitos anos levou-se em consideração, e ainda se leva, seu caráter utilitário.

Apoiamo-nos na perspectiva de que literatura é refração do mundo real, entendida como “metáfora” do mundo construída pelo autor; metáfora que traz, em si, uma ideologia própria de uma época e de um lugar, que pode ser, e muitas vezes é utilizada como objeto de manipulação, de acordo com os

interesses sociais vigentes. Como afirma Kothe (1987, p. 18), “uma obra de arte sempre é produto de conflitos e interesses sociais: ela mesma é um pacto provisório deles. Quer se queira reconhecer isto, quer não. Uma obra de arte sempre opera com o ideológico”.

Desta forma, nada mais coerente que as personagens, em seus gestos, ações e características, tragam essa ideologia e sejam criadas com o fim de sustentá-la. De modo que, enquanto elemento do sistema interior da obra, devem articular-se coerentemente para formar o todo ideológico.

É nesse ponto que o herói, personagem central da obra, mostra-se importante. Mas antes que se trate dessa importância, é necessária uma ressalva.

Guarda-se sempre no termo herói a idéia de um ser idealizado. Talvez isso ocorra por haver, no senso comum, resquícios de romantismo envolvendo a palavra. No entanto, nem sempre o é. O herói é aquela personagem que domina toda a sistemática da obra, é a dominante. E é disso que decorre a sua importância.

Partindo da visão que as narrativas são sistemas e que o herói é a dominante destes, Kothe nos apresenta o herói enquanto figura chave para desvendar toda a estrutura narrativa: “a dominante é seu princípio de organização, é o governo do sistema, [...] é a diretriz política do sistema, a teia íntima daquilo que vai acontecendo no sistema” (KOTHE, 1987, p. 7).

Não há neutralidade nessa dominante. Toda dominante traz um posicionamento sociocultural e político, carrega “as pegadas do sistema social no sistema das obras” (KOTHE, 1987, p. 8).

Isso se torna óbvio se paramos para pensar que o autor, inserido em um contexto social, posiciona-se dentro dele. E esse seu estar posicionado, conscientemente ou não, acaba por se refletir nas escolhas feitas na composição do universo ficcional. No entanto, cabe a ressalva que, nem sempre, esse reflexo se dará de forma direta, de modo a construir na narrativa uma maquete fiel, de correspondência direta com o real. O autor, dotado de inventividade, o poderá fazer de forma indireta, construindo estruturas em que o sentido não esteja na imediaticidade do que é narrado, mas na estrutura

profunda da narrativa.

Num caso ou no outro, o que é constante é o fato de que o texto irá apresentar-se como contexto reconstruído verbalmente, e que o herói será estratégico para decifrá-lo.

Herói Clássico – Hércules

O primeiro ponto a ser considerado é que o herói Clássico, retratado na tragédia, é sempre pertencente à classe alta e todos os seus feitos, no decorrer da narrativa, vêm exatamente comprovar a nobreza dessa classe. O herói trágico é sempre um aristocrata.

É importante, também, perceber que a essência do herói grego é ser um híbrido de homem e deus, algo que já lhe confere, em relação à descendência divina, certo status de superioridade dentro da teia social. E se a queda do herói trágico existe, é com o fim de mostrar a grandeza do processo de reerguer-se. Com isso, “o trágico se torna um rito solene” (KOTHE, 1987, p. 29), com o qual a grandeza desse herói aristocrata será ratificada.

Hércules, enquanto herói trágico, não se desvia desse percurso. É o híbrido de uma mortal, Alcmena, e um deus, Zeus (aliás, o maior dos deuses). Não foge à origem aristocrata, pois sua mãe é filha de Eléctron, rei de Micenas.

Ao longo do desenvolvimento da tragédia, sem esquecer as variantes do mito, todos os processos de queda sofridos por Hércules serão no sentido de confirmar a superioridade desse personagem, e indiretamente, sob a perspectiva que construímos, a superioridade de uma “classe alta”. O herói trágico é em arquétipo da superioridade da sua classe.

Com o fim de exemplificação, fizemos o recorte do episódio que levou Hércules à realização dos doze trabalhos segundo a variante apresentada por Junito Brandão, que diz que em um momento de loucura, lançado por Hera, Hércules mata a sua mulher Mégara ¹ e seus três filhos. Na tentativa de purificar-se, dirige-se ao Oráculo de Delfos, onde a Pítia, como punição,

¹ Há versões que afirmam que Mégara não morreu nessas circunstâncias, mas que ela, nesse episódio, haveria sido salva por Íficles.

ordena-lhe que se coloque a serviço de seu primo Euristeu durante doze anos, nos quais ele viria a realizar os doze trabalhos.

Contudo, crê-se, no plano simbólico, que “os doze trabalhos configuram um vasto labirinto, cujos meandros, mergulhados nas trevas, o herói terá que percorrer até chegar à luz.” (BRANDÃO, 1989, p. 97)

Tem-se nisso o movimento de queda do herói, cuja nobreza é exaltada no processo de ascensão – sua grandeza ganha maior relevo devido à queda. A própria “morte” do herói traz esse movimento de “ascensão na queda”, pois o que seria sua derrota torna-se caminho para o Olimpo.

Herói Romântico – Peri

O romantismo, movimento que se iniciou por volta das últimas décadas do século XVIII e perdurou por boa parte do século XIX, caracterizou-se por uma visão de mundo contrária ao racionalismo e em todo o ambiente intelectual havia a valorização do *eu*. Os autores do romantismo centraram-se no sujeito, retratando o drama humano, amores, ideais utópicos e desejos de escapismo.

É neste contexto que surge *O Guarani*, de José de Alencar, cujo herói, o índio Peri, como é marca do movimento, traz a exaltação das belezas do país, sua fauna e sua flora.

No entanto, o que queremos destacar na obra é algo mais profundo da narrativa: José de Alencar, através da relação entre o índio brasileiro, Peri, e o colonizador português, dom Antônio de Mariz, irá montar uma estrutura que, carregada das características do momento romântico (idealização do herói, certo ilogismo apresentado ao longo da narrativa etc.), reflete um contexto social em que o brilho do que é nacional estará subordinado ao que é europeu.

Se o *espírito romântico* exaltava a liberdade, é importante voltar na história e rememorar que esse ideal, no Brasil, foi colocado em prática mais por convenções e conchavos políticos do que por outra coisa. A dominação ainda existia, mas agora sob outra aparência.

A ficção, por sua vez, irá representar isso. Alencar recorre ao período

colonial para montar sua narrativa, exalta a fauna e a flora brasileira, no entanto, põe o herói em perfeita “comunhão”² com o colonizador (fato que carrega um quê de escapismo). Não estaria nisso muito da submissão brasileira ao que é europeu? Partimos do princípio que sim.

O contexto põe-se representado na profundidade da narrativa. A relação entre dominante e dominado se mantém. O herói prova sua honra na submissão, assim como ocorre com Hércules, porém com uma sutil diferença. Se a submissão do herói grego é da classe dominante para ela mesma, em *O Guarani*, o herói romântico está na classe baixa da sociedade vigente e submete-se a uma classe alta, que se mantém, em ambos os casos, em posição elevada.

É importante perceber que, em *O Guarani*, a classe baixa apresenta certa ascensão; a honra, construída na atitude de submissão, eleva o índio dentro da narrativa e em contrapartida (visto que o índio aparece enquanto arquétipo da nação brasileira) eleva também o Brasil enquanto nação.

Deste modo, tomamos as palavras de Bosi para sustentar a argumentação:

A concepção que Alencar tem do processo colonizador impede que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade – brilhem em si e para si; eles se constelam em torno de um ímã, o conquistador, dotado de um poder infuso de atraí-los e incorporá-los (BOSI, 1992, p.180-181).

Disso depreendemos que a nação brasileira mostrar-se elevada depende da submissão à nação, historicamente dominante, européia. O índio e o colonizador ganham caráter metafórico e o “processo europeu de dominação vai assimilar os dados da natureza” (BOSI, 1992, p.187).

O herói Peri carregará, em seu posicionamento dentro da narrativa, marcas que desvendam o contexto histórico e social em que está inserido. A obra carrega a ideologia da classe dominante:

Alencar oscilaria entre um romantismo selvagem, pré-social, que

²Comunhão que só se dá porque há a submissão do índio perante seus senhores, principalmente Ceci.

define o homem como um simples comparsa dos dramas majestosos dos elementos, e a sua perspectiva histórica, mais coerente e assídua, pela qual a natureza brasileira é posta a serviço do nobre conquistador (BOSI, 1992, p.187).

Peri, sob nossa leitura, seria o arquétipo da nação brasileira, que para mostrar-se honrada precisa submeter-se ao colonizador.

Herói Realista – Brás Cubas

Funda-se no país, em contraposição ao idealismo romântico, o movimento realista, que fez da realidade pura e contraditória, e de todos os indivíduos que a compõem, as suas tintas mais fortes. O quadro, agora, não é mais do sonho, e sim do real. O retrato da vida contemporânea tomou as produções dessa época e a procura pela representação da verdade foi “mola propulsora” do movimento.

Esse é o contexto de produção de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Machado de Assis soube imprimir, através de um tom satírico, no burguês volúvel, Brás, uma crítica à afetação burguesa diante dos modelos vindos da Europa.

Era época de efervescência nas ciências, na filosofia, na política européia. A burguesia brasileira, através de Brás Cubas, vai aparecer sob o prisma de importadora de modelos europeus. No entanto, o jaleco da “Madre Europa” era grande demais para vestir essa classe. A burguesia brasileira não tinha a mesma carga histórica, política e científica da burguesia européia.

Então, é nesse ponto que Machado de Assis, usando de ironia, vai reconstruir o contexto social na obra ficcional, conferindo-lhe através desse tom satírico, também, o tom crítico à obra.

A sátira reside, por exemplo, na tentativa de Brás Cubas em transpor alguns dos temas discutidos na Europa para a realidade brasileira. O que culminada em fracasso³, como sinaliza Schwarz :

³ O fracasso é algo que vai ser recorrente na obra. Toda a vida de Brás Cubas desenvolve-se num “nunca conquistar”, o fracasso, nesse caso, aparece como resultado da falta de bagagem intelectual da burguesia brasileira, e a tentativa de assimilar os novos modelos não passará de mera afetação.

Subordinado ao capricho, o elenco das finalidades-mestras da vida burguesa toma feição barateada, com alguma coisa de opereta. Assim, no lugar do Estudo temos alguns anos de folia em Portugal; no lugar da Poesia, os ademanes literários de um viúvo recentíssimo; e no da Política, uma discussão parlamentar sobre a conveniência de diminuir em duas polegadas as barretinas da Guarda Nacional, de modo a torná-las mais leves e maneiras. A Filosofia é representada por reflexões sociais inspiradas em brigas de cachorro, ao passo que a invenção do emplasto Brás Cubas faz as vezes de Ciência e Livre Empresa (SCHWARZ, 2000, p.63-64).

O burguês brasileiro é colocado na obra “deformado”, diferente do que lhe serviu de molde, o europeu. Assim, caricaturada, a burguesia brasileira é inferiorizada. E o que se depreende disso é um tom crítico do autor, que por sua vez, ao pôr-se a criticar, também se posiciona. Machado, através da trajetória de Brás Cubas, mostra uma assimilação forçosa desempenhada pela burguesia da época com o fim de parecer-se mais culta, e é exatamente esse “forçar” que vai desembocar em vazio intelectual, como diz Schwarz: “o acento satírico sugere que ciência, política, filosofia etc. aqui não passam de afetação” (SCHWARZ, 2000, p. 64).

Assim, a ideologia que mais uma vez está na tessitura profunda na narrativa é a da classe dominante sempre apresentada como elevada, ao ponto de tornar-se modelo para a classe dominada.

No entanto, uma última ressalva: é fácil perceber que a burguesia, em âmbito nacional, aparece inferiorizada através desse perfil volúvel que Machado constrói com Brás Cubas (visto sob o prisma que este é um personagem representativo de toda uma classe). Nesse movimento, indiretamente, valoriza aquilo que é genuinamente nacional – ao passo que “barateia” essa assimilação dos modelos europeus – e despreza aquilo que é importado e forçosamente copiado. Há nisso, acreditamos, uma exaltação da nacionalidade brasileira.

Três diferentes narrativas: uma mesma estrutura social

Constatamos que, ao longo dos anos e em diferentes épocas, a literatura (produção escrita de um povo, em determinada época e lugar) tem

trazido em sua estrutura profunda a representação dessa relação de dominação existente no meio social, podendo utilizar-se de diferentes símbolos para isso. Há sempre dois pólos, o dominante e o dominado, que, conforme a época de produção pode trazer variações no modo de serem apresentados.

Nas narrativas mitológicas de Hércules, em destaque *Os doze trabalhos*, o herói mitológico apresenta-se como representativo de toda uma classe, a aristocracia grega, que, se cai, é com o único propósito de reiterar a sua força e grandiosidade ao reerguer-se. Há aí um posicionamento, uma ideologia que mantém essa classe como elevada.

Assim, também, ocorre em *O Guarani*, pois apesar de haver certa valorização do colonizado (fato que pode ser atribuído ao sentimento romântico) através do artifício da honra, a classe dominante do mundo real mantém-se no ficcional e sua superioridade é mais uma vez confirmada à medida que o colonizado só mostrará sua superioridade na submissão ao colonizador.

Já em *Memórias póstumas de Brás Cubas* podemos perceber que o tom satírico que Machado confere à obra traz a crítica à relação de dominação existente, fato que já demonstra certa evolução ao questionamento da estrutura social da época. Está aí o posicionamento do autor, mas é necessário perceber que, apesar dessa crítica, a estrutura social não sofre alterações: continua havendo na obra uma classe dominante e uma dominada, nas quais os ocupantes, diga-se de passagem, não diferem muito daqueles apresentados em *O Guarani*.

Desta forma, fica claro que tal relação expressa na literatura não se trata de mero propagandismo de um determinado grupo social, é sim reflexo de toda a estrutura social, reconstruída sob o olhar de um *eu*, que põe na estrutura profunda da narrativa um direcionamento social e político.

"The hero: Index to unravel the social system in the narrative."

Abstract: Mankind has always had the need to rebuild, within fiction, structures corresponding to reality and, therefore, made use of characters and the relationships between them established. From this perspective, this study proposes to take the heroes Heracles, Peri and Brás Cubas, inserted in different sociocultural and political contexts draw a comparison taking into account the different contexts of insertion of each character and, finally, to analyze what is recurrent and remains over time within the fictional framework. We take the figure of the hero character in the work of relief, because we believe that this element of the narrative brings in its composition, a model which converge and are represented (even indirectly) all forces present social structure in vogue at any given time and space. For this analysis, we will use as theoretical support the concept of hero as "dominant", by Flavio Kothe, and also the critical analysis *Um mito Sacrificial: o indianismo de Alencar*, by Alfredo Bosi and *Um mestre da Periferia do Capitalismo: Machado de Assis* by Roberto Schwarz, on *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Keywords: Hero. Ideology. Society.

Referências:

ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Escala, s/d.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. 3. 2ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

COUTINHO, Afrânio; FARIAS, Eduardo de. *A literatura no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FRAGOSO, Vitor. *O mito, uma necessidade do homem?*. Portugal s/d. Disponível em: <<http://psicoforum.br.tripod.com/index/artigos/mito1.htm>>. Acesso em: 18 Dez. 2010.

KOTHE, Flávio R. *O herói*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre da periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.